

CONTRACULTURA

Aluno: Arthur Derenusson Kowarski

Orientador: Santuza Naves

Introdução

O trabalho de pesquisa tem por tema a Contracultura e assimilação desta no Brasil, privilegiando, dentro de suas diversas manifestações, a música. A Contracultura teve seu epicentro nos EUA, durante a década de 60, e teve no rock sua principal manifestação, fora a literatura e o cinema. Antes de tudo, a Contracultura se insere dentro do que se chama “cultura pop”. Assim, cabe estudar a leitura que foi feita do ideário contracultural por artistas que tiveram importância na época, como, por exemplo, Raul Seixas e Os Mutantes, sem deixar de abordar a Poesia Marginal, de Waly Salomão, Torquato Neto, Cacaso e outros, que, de alguma forma, dialogaram com uma estética musical inspirada na Contracultura.

Objetivos

Estabelecer de que forma o ideário contracultural, de matriz norte-americana e lido por brasileiros, influenciou manifestações culturais no Brasil do final dos anos 60 e início dos anos 70. Serão privilegiadas na análise a música e a literatura.

Metodologia

Neste trabalho será utilizada tanto uma pesquisa bibliográfica quanto musical - não negligenciando também obras literárias importantes da época. A pesquisa bibliográfica abrange livros escritos sobre a Contracultura e obras de autores que marcaram essa manifestação, tanto na formulação literária como teórica.

Conclusões

A partir do material coletado, enxergamos a importância que tiveram as idéias de Herbert Marcuse e Theodore Roszak. Em “Eros e Civilização”, Marcuse mostra a civilização, desde seus primórdios, como resultante do conflito entre o Princípio do Prazer e o Princípio de Realidade (categorias freudianas). Na sociedade industrial (e pós-industrial), o Princípio de Realidade passa a se constituir em Princípio de Desempenho, na medida em que o trabalho deixa de se tornar o socialmente necessário, isto é, o suficiente para suprir as necessidades básicas do ser humano (a função do Princípio de Realidade), para ter um fim em si mesmo, visto o trabalho como desempenho. Ou seja, na medida em que há cada vez mais progresso técnico - que é fruto da intensificação do trabalho - que resulta em mais produtividade e demanda maior divisão social do trabalho, aumenta a frustração, pois há cada vez menos espaço para uma vida “não-produtiva”. O Princípio do Prazer não se acomoda no trabalho, tendo em vista que se refere ao inconsciente, aos impulsos estéticos, etc. Eis porque diz-se que Marcuse realiza, nesta obra, uma síntese entre Marx e Freud, assimilando o conceito marxista de alienação e a idéia dos conflitos psíquicos entre inconsciente e consciente descritos pelo pai da Psicanálise.

Marcuse vê a possibilidade de um conflito na sociedade industrial desencadeado por aqueles que recusam a ordem do trabalho como desempenho, como um fim em si mesmo, como os jovens, os artistas, os que estivessem dispostos a embarcar num projeto de harmonização entre arte e vida, ou lutar por um “Princípio de Realidade não-repressivo”.

Assim sendo, o campo de conflito não mais se daria entre Capital e Trabalho, como queria Marx, mas entre aqueles que estariam dispostos a diminuir o trabalho e harmonizá-lo com uma visão estética do mundo.

Roszak discorre sobre a revolta contra a forma moderna deste Princípio de Desempenho: a tecnocracia. Por tecnocracia ele entende a “forma social na qual uma sociedade industrial atinge o ápice de sua integração organizacional” (1972, p.19), em que todos os aspectos da vida cotidiana são mobilizados para o aumento da produtividade. Tudo passa por sua esfera de domínio: a educação, o lazer, e a vida sexual dos cidadãos modernos. Com o triunfo da tecnocracia perde-se a autonomia da política, que se torna incapaz de alterar minimamente o funcionamento da tecnocracia. A tecnocracia seria fruto do industrialismo moderno e está acima das ideologias; assim, vincula a tecnocracia a um princípio invisível, e mesmo a um novo totalitarismo.

Deste modo, ele explica o desinteresse dos jovens pela retórica clássica da tradição radical (Marx, Lênin, Bakunin) e o interesse pelo misticismo, em especial o oriental. Este mergulho no misticismo estaria associado a uma reinvestida no inconsciente, sendo que a “espiritualidade” oriental estaria ligada a um estilo de vida não-repressivo (para aludirmos a um termo marcusiano). Assim, isto caracterizaria as manifestações estéticas surgidas desde os anos 50, dos beatniks à Contracultura. Este novo misticismo estaria também ligado à cultura das drogas psicodélicas e às idéias de Tim Leary, o “pai do LSD”.

A busca por meios de vida alternativos, por uma utopia que não passasse necessariamente por uma revolução violenta, assim como o fascínio pelas drogas e novas terapias está presente tanto no surgimento do rock no Brasil (em especial, “Os Mutantes”), como naquilo que depois denominou-se “Poesia Marginal” e poesia de “mimeógrafo”.

Referências bibliográficas:

- 1 - MARCUSE, Herbert, *Eros e Civilização, uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1978.
- 2 - LEARY, Timothy, *Flashbacks_– LSD: a experiência o que abalou sistema*, São Paulo, Brasiliense, 1989.
- 3 - HOLLANDA, Heloísa Buarque, *Impressões de Viagem – CPC, vanguarda e desbunde*, Rio de Janeiro, Aeroplano, 2005, 5ª. Ed
- 4 - MUGGIATI, Roberto. *Rock, o Grito e o Mito*, Petrópolis, Vozes, 1983.
- 5 - ROSZAK, Theodore. *Contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. Petrópolis, Vozes, 1972.
- 6 - SALOMÃO, Waly. *Me segura qu’eu vou dar um troço*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2003.
- 7 - CALADO, Carlos. *A Divina Comédia dos Mutantes*. Rio de Janeiro, 34, 1995.